

IAN RANKIN

UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA

Tradução de Vasco Gato

Sexta-feira, 6 de Fevereiro de 2009

1

Ouviu-se um ténue aplauso no momento em que Malcolm Fox entrou na sala.

– Vá, também não é para tanto – disse ele, pousando a sua pasta gasta em cima da secretária mais próxima da porta. No escritório encontravam-se outros dois elementos das Queixas. Tinham já reatado o trabalho quando Fox tirou o sobretudo. Durante a noite, tinham caído sete centímetros de neve em Edimburgo. Embora uma quantidade similar tivesse deixado Londres completamente bloqueada uma semana antes, Fox desencantara uma forma de vir trabalhar, tal como, aparentemente, todos os outros. Lá fora, o mundo achava-se temporariamente purificado. O jardim de Fox denunciava alguns trilhos – ele sabia que uma família de raposas andava a rondar o bairro; as traseiras das casas davam para o campo de golfe municipal. No Comando da Polícia a sua alcunha era «Foxy¹», embora ele não se identificasse com esse termo. «É um urso em forma de homem», tinha sido assim que um dos seus anteriores chefes o descrevera. Lento mas firme, e apenas pontualmente digno de temor.

Tony Kaye, com uma volumosa pasta enfiada debaixo do braço, passou pela secretária e conseguiu apertar o ombro de Fox sem deixar cair nada.

– Ainda assim, bom trabalho – disse.

¹ Adjectivo derivado de *fox*, raposa, e que na gíria significa matreiro. (*N. do T.*)

– Obrigado, Tony – disse Fox.

O comando da Polícia de Lothian and Borders ficava em Fettes Avenue. De certas janelas era possível divisar o Colégio de Fettes. Havia agentes das Queixas que tinham frequentado escolas privadas, mas nenhum deles andara em Fettes. O próprio Fox tinha sido educado maioritariamente de forma gratuita: em Boroughmuir e depois em Heriot Watt. Era adepto do Hearts FC, embora nesses tempos raramente conseguisse ir a um jogo em casa. Não se interessava minimamente por rãguebi, nem mesmo quando a sua cidade acolhia o Torneio das Seis Nações. Fevereiro era o mês das Seis Nações, o que significava que nesse fim-de-semana haveria hordas de galeses pela cidade, vestidos de dragões e transportando consigo desmedidos alhos-franceses insufláveis. Fox punha a hipótese de seguir o jogo pela televisão, talvez se animasse ao ponto de ir um *pub*. Já ia para cinco anos que não bebia, embora nos últimos dois se tivesse confiado a um ou outro deslize. No entanto, apenas quando se sentia no estado de espírito adequado; apenas quando a sua força de vontade se encontrava em alta.

Pendurou o sobretudo e decidiu que poderia igualmente livrar-se do casaco do fato. Alguns colegas do Comando consideravam aqueles suspensórios uma afectação, mas ele perdera uns bons cinco quilos e não lhe agradavam os cintos. Os suspensórios não eram do género espalhafatoso, eram azul-escuros sobre uma simples camisa azul-clara. A sua gravata hoje era de um acentuado vermelho escuro. Aconhegou o casaco ao encosto da cadeira, alisou-o nos ombros e sentou-se, abrindo os fechos da pasta, tirando com cuidado a papelada sobre Glen Heaton. Heaton era o motivo por que as Queixas tinham ensaiado uma breve salva de palmas. Heaton era um sucesso. Fox e a sua equipa tinham empenhado boa parte de um ano a reunir informação para o processo. O processo tinha sido agora aceite pelo gabinete do Procurador, e Heaton, após ter sido intimado e interrogado, iria a julgamento.

Glen Heaton: quinze anos de serviço, onze dos quais no Departamento de Investigação Criminal. E grande parte desses onze anos tinham sido dedicados a contornar as regras em proveito próprio. No entanto, acabaria por passar clamorosamente das marcas, deixando

escapar informação não só para os seus colegas do meio como também para os próprios criminosos. E isso despertara uma vez mais sobre ele a atenção das Queixas.

Queixas e Conduta, para mencionar a denominação completa do departamento. Eram os polícias encarregados da investigação de outros polícias. Eram a «Brigada das Pantufas», os «Saltos de Borracha». Dentro das Queixas e Conduta existia uma secção mais pequena: a Unidade de Padrões Profissionais. Ao passo que as Queixas e Conduta se dedicavam a questões corriqueiras – agravos motivados por carros-patrolha estacionados em lugares para deficientes ou vizinhos polícias que ouviam música demasiado alto – a UPP era por vezes designada como o Lado Negro. Andavam à cata de racismo e corrupção. Ocupavam-se de subornos e vistas grossas. Eram discretos, sérios e determinados, gozando do poder necessário para o cumprimento do seu dever. Fox e a sua equipa pertenciam à UPP, cujo escritório se situava num piso diferente do das Queixas e Conduta, tendo um quarto do tamanho. Heaton passara meses a ser vigiado, com o telefone de casa posto sob escuta, registos de telemóvel esquadrihados, o computador examinado uma e outra vez – tudo à sua revelia. Fora seguido e fotografado até Fox ter ficado a saber mais sobre o homem do que a sua própria mulher, incluindo a dançarina de *strip* com quem ele andava a sair e o filho de uma antiga relação.

Diversos polícias faziam a mesma pergunta às Queixas: como é que são capazes? Como é que conseguem cuspir nos vossos pares? Eram agentes com quem já tinham trabalhado, ou com quem talvez viessem a trabalhar no futuro. Eram, como frequentemente se dizia, os «bons da fita». Porém, a questão residia precisamente aí: o que significaria ser «bom»? Fox reflectira nisso, a fitar o espelho por trás do balcão do *pub* enquanto se entregava a mais um refrigerante.

São eles e somos nós, Foxy... às vezes é preciso meter por atalhos para que o trabalho apareça feito... já alguma vez enveredaste por aí? És mais limpo que o branco? Imaculado como a neve?

Não, imaculado como a neve não. Por vezes, Fox sentia-se levado, arrastado para a UPP sem que essa fosse realmente a sua vontade. Arrastado para relacionamentos... para os abandonar não muito depois. Abrira os cortinados do seu quarto nessa manhã e contemplara

a neve, pensando em telefonar a dar baixa de doença. Mas nisto o carro de um vizinho passara diante da janela e a mentira derreteria-se. Viera trabalhar porque era isso que ele fazia. Vinha trabalhar e investigava polícias. Heaton encontrava-se agora suspenso, ainda que a receber por inteiro. A papelada tinha sido entregue ao Procurador.

– Então o caso está arrumado, certo?

O outro colega de Fox estava de pé diante da secretária, mãos como sempre fechadas nos bolsos das calças, apoiado nos calcanhares. Joe Naysmith, com seis meses de casa, ainda cheio de entusiasmo. Vinte e oito anos de idade, o que representava pouco para as Queixas. Tony Kaye tinha a sensação de que Naysmith considerava aquele trabalho como um atalho para chegar à administração. O miúdo sacudiu a cabeça, procurando arrumar a franja solta que constituía permanente motivo de chacota.

– Até agora, maravilha – disse Malcolm Fox, que tirara um lenço do bolso das calças e se assoava agora.

– Vais ser tu então a pagar os copos hoje à noite?

Na sua secretária, Tony Kaye estava à escuta. Recostou-se na cadeira, estabelecendo contacto visual com Fox.

– Atenção que aí à criança não se lhe pode dar nada mais forte que um batido. Ainda gatinha.

Naysmith voltou-se e levantou uma mão do bolso o tempo suficiente para dedicar a Kaye um manguito. Kaye franziu os lábios e voltou para a sua leitura.

– Isto não é um recreio – grunhiu uma nova voz do umbral da porta, onde se encontrava agora o inspector-chefe Bob McEwan. Pôs o pé na sala e esfregou os nós dos dedos contra a testa de Naysmith.

– Cabelinho cortado, jovem Joseph, o que é que eu já lhe disse?

– Com certeza, senhor – murmurou Naysmith, dirigindo-se novamente para a sua secretária. McEwan consultava o relógio de pulso.

– Porra, duas horas naquela reunião.

– Estou certo de que se adiantou muita coisa, Bob.

McEwan olhou para Fox.

– Parece que o director está a farejar qualquer coisa podre em Aberdeen.

– Algum pormenor?

– Ainda não. Não posso dizer que esteja desejoso de ver o caso na minha secretária.

– Tem amigos em Grampian?

– Não tenho amigos em lado nenhum, Fox, e agrada-me que assim continue a ser – disse o inspector-chefe, com uma pausa, parecendo recordar algo. – Heaton? – inquiriu, vendo Fox acenar lentamente a cabeça. – Bom, bom.

Fox percebeu pela entoação que o chefe estava com remorsos. Na bruma dos tempos, McEwan trabalhara lado a lado com Glen Heaton. Na sua opinião, o tipo realizara um trabalho consistente, merecera cada promoção que lhe coubera. Um bom agente, em termos genéricos...

– Bom – disse outra vez McEwan, de forma mais distante, animando-se com um trejeito de ombros. – E que mais nos reserva o dia de hoje?

– Coisas diversas – disse Fox, assoando-se novamente.

– Ainda não derrotou essa constipação?

– Parece que ela engraçou comigo.

McEwan deu nova espreitadela ao relógio.

– A hora de almoço já lá vai. E que tal sair mais cedo?

– Desculpe?

– É tarde de sexta, Foxy. Segunda-feira podemos ter aí uma coisa nova a cair-nos no colo, o melhor é recarregar bem as baterias – disse McEwan, reparando que Fox ficara pensativo. – Nada que se prenda com Aberdeen – afirmou.

– O quê, então?

– A coisa pode dissipar-se com o fim-de-semana – disse McEwan com um encolher de ombros. – Falamos na segunda.

Fez menção de se ir embora, mas depois hesitou.

– O que é que o Heaton disse?

– Limitou-se a lançar-me um olhar daqueles.

– Já vi tipos a darem à sola perante esse olhar.

– Não será o meu caso, Bob.

– Pois não, não será.

O seu rosto enrugou-se num sorriso à medida que McEwan se deslocava para o canto da sala, onde ficava a sua secretária.

Tony Kaye inclinara-se novamente para trás na sua cadeira. O homem dispunha de ouvidos tão apurados como um aparelho electrónico.

– Se vais para casa, é melhor deixares aí aquela nota de dez.

– Para quê?

– Estás a dever-nos uns copos, duas canecas a mim e um batido ali ao *bambino*.

Joe Naysmith verificou que o chefe não estava a ver, voltando a fazer um gesto obsceno com o dedo na direcção de Kaye.

Malcolm Fox não foi directamente para casa. O seu pai estava num lar na zona oriental da cidade, não muito longe de Portobello. Portobello tinha sido em tempos um sítio à maneira. Era para onde se ia no Verão. Jogava-se à bola na praia, ou passeava-se. Havia cones de gelado, máquinas de jogos, peixe frito com batatas. Castelos de areia à beira-mar, onde a areia era peganhenta e maleável. Havia gente a lançar papagaios ou a atirar paus contra a rebentação para os cães irem buscar. A água era tão fria que nos primeiros segundos se perdia a capacidade de respirar, mas depois ninguém queria de lá sair. Os pais sentavam-se nas suas cadeiras às riscas, porventura com um pára-vento martelado na areia. A mãe tinha preparado um farnel: o sabor áspero da pasta de carne em finas fatias de pão branco; garrafas mornas de *Barr's Cola*. Sorrisos, óculos escuros e o pai com as calças enroladas pernas acima.

Malcolm já não levava o pai à beira-mar havia uns anos. Passara-lhe essa ideia pela cabeça umas semanas antes, sem que ele lhe tivesse dado grande sequência. O velhote não andava lá muito firme das pernas, foi o que disse a si mesmo. Não lhe agradava pensar que fosse por causa do olhar das pessoas em relação àqueles dois: um homem idoso, com gelado derretido a escorrer-lhe do cone pelas costas da mão, a ser levado para um banco pelo filho. Sentar-se-iam e Malcolm Fox limparia o gelado dos sapatos de enfiar do pai, com um lenço, usando esse mesmo lenço para lhe enxugar o queixo grisalho.

Não, não seria de todo por isso. Era simplesmente porque hoje estava demasiado frio.

Fox pagava mais pelo lar do que pelo empréstimo da casa. Pedira à irmã que partilhasse o fardo, e ela respondera que o faria logo que pudesse. O lar era privado. Fox ponderara umas quantas alternativas municipais, mas todas elas eram pardacentas e malcheirosas. O Lauder Lodge era melhor. Parte do dinheiro que Fox largava via-se sob a forma de papel de parede e ambientadores. Para além disso, insinuava-se sempre um cheiro a pó de talco e a ausência de aromas desagradáveis vindos da cozinha fazia prova de uma exaustão de qualidade. Encontrou um lugar para estacionar dando a volta ao edifício e fez-se anunciar na porta principal. Era uma casa vitoriana isolada e teria valido uns bons milhões antes da última recessão. Tinha uma zona de espera ao fundo das escadas, mas uma das funcionárias disse-lhe que ele podia ir até ao quarto do pai.

– Já sabe o caminho, Mr. Fox – trinou ela enquanto ele assentia e se dirigia para o maior dos dois corredores. Havia um anexo, acrescentado uns dez anos antes à estrutura inicial. Embora as paredes apresentassem algumas rachadelas e um ou outro vidro duplo padecesse de condensação, os quartos eram luminosos e arejados – as mesmas palavras com que ele fora assediado aquando da sua primeira visita ao local. Luminoso, arejado e sem escadas, com casas de banho privadas para os mais afortunados. O nome do seu pai surgia num recorte de cartão prateado colado à porta.

Mr. M. Fox. M de Mitchell, tratando-se do nome de solteira da avó de Malcolm. Mitch, toda a gente chamava Mitch ao pai. Era um nome forte. Fox inspirou profundamente, bateu e entrou. O pai estava sentado à janela, as mãos postas no colo. Parecia um pouco mais macilento, um pouco menos animado. Continuavam a barbeá-lo e o cabelo parecia acabado de lavar. O cabelo estava bonito e prateado, e as patilhas mantinham-se compridas, como sempre tinham sido.

– Então, pai – disse Fox, sentando-se na cama. – Como é que isso vai?

– Não me posso queixar.

Fox sorriu perante aquilo, como seria de esperar. Uma lesão nas costas na fábrica em que trabalhava; anos e anos de subsídio por incapacidade; aparece então um cancro e um tratamento bem-sucedido, ainda que doloroso; a mulher morre pouco depois de ele se livrar das mazelas; e em seguida entra em cena a velhice.

E não se pode queixar: pois era o chefe de família, o homem da casa.

O casamento do filho desfez-se ao cabo de menos de um ano; ele, que já tinha um problema com a bebida, embora a coisa tivesse piorado então, durante uns tempos; a filha bateu as asas para longe do ninho e foi mantendo um contacto pouco frequente, até que aterrou novamente em casa trazendo a reboque um companheiro pouco simpático.

Mas não se podia queixar.

Pelo menos o quarto não cheirava a mijó, e o filho vinha vê-lo sempre que podia. O rapaz não se safara nada mal, vendo bem as coisas. Nunca perguntou se o filho gostava do que fazia para ganhar a vida. Nunca lhe agradeceu as contas que ele pagava em seu nome.

– Esqueci-me de te trazer chocolates.

– As miúdas vão buscar, se eu lhes pedir.

– Delícias turcas? Já não se encontram assim tão facilmente hoje em dia.

Mitch Fox assentiu devagar, mas não disse nada.

– A Jude tem vindo aí?

– Não me parece – disse ele, franzindo o sobrolho. – Quando foi que a vi pela última vez?

– No Natal? Deixa lá, eu pergunto às funcionárias.

– Eu acho que ela esteve cá... terá sido na semana passada ou na semana antes dessa?

Fox apercebeu-se de que tinha puxado novamente do telemóvel. Fingia estar à procura de mensagens quando na realidade consultava a hora. Menos de três minutos desde que trancara o carro.

– Concluí finalmente aquele caso de que te falei – disse Fox, fechando novamente o telefone. – Encontrei-me com o Procurador hoje de manhã, parece que a coisa vai a julgamento. Mesmo assim, ainda muita coisa pode correr mal...

– Hoje é domingo?

– Sexta-feira, pai.

– Não paro de ouvir sinos.

– Há uma igreja ali na esquina, se calhar é um casamento.

Fox não achava que pudesse ser: passara por lá de carro e o sítio parecia estar deserto. *Porque é que eu faço isto?*, perguntou a si mesmo. *Porque é que lhe minto?*

Resposta: é a saída mais fácil.

– Como é que vai Mrs. Sanderson? – perguntou, metendo outra vez a mão ao bolso para apanhar o lenço.

– Está com tosse. Não quer que eu apanhe – disse Mitch Fox, fazendo então uma pausa. – Tens a certeza de que devias estar aqui com esses teus germes?

Depois pareceu lembrar-se de alguma coisa.

– É sexta-feira e ainda está de dia... Não devias estar a trabalhar?

– Deram-me folga por bom comportamento – disse Fox, pondo-se de pé e desambulando pelo quarto. – Tens tudo de que precisas?

Viu um monte de livros envelhecidos na mesinha-de-cabeceira: Wilbur Smith; Clive Cussler; Jeffrey Archer – literatura que seria supostamente do agrado dos homens. Deveriam ter sido escolhidos pelas funcionárias; o pai nunca fora amigo de leituras. O televisor fixava-se num suporte a um dos cantos do quarto, lá no alto, já perto do tecto – difícil de ver a menos que nos deitássemos na cama. Numa outra visita que Fox fizera, estava a dar uma corrida de cavalos, embora o pai não se mostrasse interessado: as funcionárias uma vez mais. A porta para a casa de banho estava entreaberta. Fox empurrou-a e espreitou lá para dentro. Não havia banheira, só um polibã com um assento retráctil. Sentia-se o cheiro a champô *Vosene*, o mesmo com que a mãe de Fox lavara o cabelo dos filhos quando ele e Jude eram pequenos.

– Está-se bem aqui, não está?

Fox formulou a pergunta em voz alta, embora de maneira a que o pai não a pudesse ouvir. Andava a fazer a mesmíssima pergunta desde que o pai tinha sido arrancado à casa geminada em Morning-side. Ao início, a pergunta tinha sido retórica; agora, Fox já não tinha tanta certeza. A casa da família tivera de ser esvaziada. Parte da mobília encontrava-se na garagem de Fox. O seu sótão estava cheio de caixas com fotografias e outras recordações, a maioria das quais pouco ou nada lhe diziam. Durante uns tempos, trouxera consigo algumas dessas coisas nas visitas, mas o seu pai ficava perturbado ao ver-se

incapaz de as localizar. Nomes que ele achava que devia conhecer tinham sido apagados da sua memória. Os objectos tinham perdido o seu significado. As lágrimas acumulavam-se nos olhos do velhote.

– Queres fazer alguma coisa? – perguntou Fox, sentando-se novamente aos pés da cama.

– Nem por isso.

– Ver televisão? Uma chávena de chá talvez?

– Estou bem – disse Mitch Fox, fixando subitamente o filho com um olhar. – Tu também estás bem, não estás?

– Nunca estive melhor.

– Está tudo a correr bem no trabalho?

– Admirado e respeitado por todos os que me conhecem.

– Tens namorada?

– De momento, não.

– Já lá vai quanto tempo desde que te divorciaste da...? – perguntava Mitch Fox, com as sobrancelhas a unirem-se novamente. – Tenho aqui o nome dela debaixo da...

– Elaine, e já pertence ao passado, pai.

Mitch Fox assentiu e ficou momentaneamente pensativo.

– Tens de ter cuidado, sabes.

– Sei.

– A máquina... não é digna de confiança.

– Eu não trabalho com máquinas, pai.

– Ainda assim...

Malcolm Fox fingiu uma vez mais consultar o telemóvel.

– Eu sei cuidar de mim – garantiu ao pai. – Não te preocupes comigo.

– Diz à Jude para vir cá ver-me – disse Mitch Fox. – Ela tem de ter mais cuidado com aquelas escadas...

Malcolm Fox levantou os olhos do telemóvel.

– Eu digo-lhe – afirmou.